

CONFIANÇA NA EDUCAÇÃO - FUNDAMENTO PARA O ATO EDUCATIVO PROTESTANTE NO BRASIL

*Almiro Schulz**

ABSTRACT

Protestantism, on being inserted in Brazil, at the end of the later century, has given great confidence on education. It was considered as indispensable to the influence that one intended to exercise on Brazilian society. This conception had its roots in American Liberalism and it was founded on sacred writings. Its approach and education practice was turned to the individual, who has become the center of Protestant educative act. It has given confidence also in an education worried to the use of a modern pedagogy and methodology, in a country where education was precarious. Progress would be reached by means of a protestant culture and education.

Key words: Protestantism, Education, Confidence.

RESUMO

O Protestantismo ao se inserir no Brasil, no final do século passado e início deste, depositou grande confiança na educação; considerava-a indispensável para a influência que pretendia exercer na sociedade brasileira. Essa sua concepção tem suas raízes no liberalismo norte americano, sendo fundamentada nas Escrituras Sagradas. Sua visão e prática educativa esteve voltada para o indivíduo, que se tornou o centro de seu ato educativo. Confiava também numa educação voltada para o uso de uma pedagogia e metodologia moderna, num país cuja

* Professor Adjunto no Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário do Triângulo – UNIT.

educação era precária; entendia que o progresso seria alcançado através da educação e cultura protestante.

Palavras – chaves: Protestantismo, Educação, Confiança.

O texto é resultado de uma pesquisa, para compreender a visão que o Protestantismo das missões norte-americanas teve sobre a educação; considerando que foi parte integrante de sua ação ao se inserir no Brasil, no final do século passado e início deste. A evangelização e a educação – igrejas e colégios, foi a dicotomia de sua atuação.

Segundo a concepção protestante, a educação e a religião são como duas forças indispensáveis para que uma sociedade viva em harmonia e segurança. Esse alto apreço pela educação pode-se verificar, em especial, no período das missões do século XIX, e início do século XX, entre os anos 1860 - 1920, com o surgimento de várias novas agências missionárias na América do Norte, fase em que investiram na implantação do Protestantismo no Brasil.

O objetivo é, então, mostrar que o Protestantismo confiava na educação e entendia que sua prática era indispensável para a ação que objetivava exercer na sociedade. As mudanças que o Protestantismo aspirava processar nas pessoas e na sociedade, seriam alcançadas, em grande partes por meio da educação. Essa sua fé na educação encontrou reciprocidade no Liberalismo, que era a ideologia predominante na América do Norte no final do século XIX e início do século XX.

A pesquisa baseou-se em fontes bibliográficas e documentais, tendo como referencial teórico e como interlocutores pressupostos e enunciados encontrados na literatura protestante e em trabalhos já realizados sobre a educação protestante.

1. Fontes de influência

É possível identificar dois fatores principais que exerceram influência para o desenvolvimento dessa atitude em depositar

confiança na educação: um interno, a Bíblia - com a tradição da Reforma Protestante. Um externo, o contexto do Liberalismo - com a filosofia iluminista.

As Escrituras Sagradas põem em relevo a educação, tanto para alcançar mudanças individuais, como para alcançar mudanças socioculturais (2 Timóteo 3. 14-17), ou ainda, para manter um "status" cultural. Encontramos na Bíblia exemplos de reformas, quando se recorreu à educação. O Rei Jeosafá (I Crônicas, 17) implantou um sistema educacional, tendo em vista mudanças socioculturais; o Rei Josias, (II Crônicas 34) também se valeu da educação na reforma do sistema religioso e sistema social. Além disso, o texto bíblico dá ênfase à educação infantil, como, por exemplo: *"ensina a criança no caminho em que deve andar e ainda quando for velha não se desviará dele"* (Provérbios 22.6). Decorre daí, que foi na Bíblia que o Protestantismo encontrou muito da inspiração para confiar na educação. Além da Bíblia, a tradição - desde Lutero, Calvino e Wesley - serviram de referência e reforço.

Mas houve também o fator externo, que envolve todo o contexto da época, o próprio Estado norte-americano esperava realizar seus objetivos pela educação, principalmente na fase posterior à independência e à implantação da República. O Iluminismo trouxe uma nova ênfase à educação e o Liberalismo, principalmente, deu a ela um caráter relevante, como um meio de redimir os problemas sociais e promover mudanças. Foi na América do Norte que o Liberalismo encontrou sua expressão máxima. Assim sendo, não fica difícil aceitar que o fato de o Protestantismo na América do Norte dar crédito ao ato educativo foi motivado, também, por influência externa. Assim, essa confiança na educação que se verifica no Protestantismo brasileiro, principalmente na sua fase de implantação, pode ser caracterizada como uma extensão do Protestantismo norte-americano.

Com base nessas duas fontes de inspiração, pretende-se mostrar que o Protestantismo confiou na educação, e que parece ter sido bem abrangente e serviu como um sustentáculo da atividade educacional. Essa sua fé consistia, sobretudo, na confiança de uma educação centrada no indivíduo, num modelo pedagógico norte-americano, moderno e na crença de uma educação voltada para o progresso e democracia.

2. Confiança numa educação centrada no indivíduo

Pode-se constatar que a visão educacional protestante é fundamentalmente voltada para o indivíduo. Ele pode ser considerado como o centro da sua educação. Jether P. Ramalho diz: "*a educação se centra no indivíduo*" (RAMALHO, 1976:147). Chega-se a essa conclusão a partir de afirmações que o Protestantismo faz sobre o homem e sobre a educação, como por exemplo, seu entendimento da individualidade do homem e de sua capacidade e, que conseqüentemente, implicam em liberdade e responsabilidade. Antes de fazer algumas considerações sobre essas concepções, serão relacionados alguns pressupostos teológicos, filosóficos e psico-educacionais, que se julga terem contribuído para que o indivíduo fosse colocado como o centro da educação.

Sem se ater às situações históricas, nas quais as concepções protestantes tomaram forma, considera-se importante fazer referência aos seguintes pressupostos: Deus é um Deus pessoal. Não que essa fosse uma concepção unicamente protestante; mas a ênfase que se deu a ela parece ter sido um princípio formador. Langston¹ diz que o princípio do individualismo tem sua base "*na existência de um Deus pessoal, que criou o homem à sua imagem e semelhança*" (LANGSTON, s/d:24). Junto a esta concepção, a idéia do sacerdócio universal, doutrina básica da Reforma Protestante, que reafirmada muitas vezes, veio reforçar o aspecto individual. Isto significa que a relação do cristão e Deus é pessoal-individual e, não pelas estruturas eclesiásticas, formas ou símbolos. Nesse sentido, Rubem Alves diz que:

Se a Reforma, através da doutrina do sacerdócio universal dos crentes afirma que a subjetividade está em relação direta com o divino, por este mesmo meio ela afirma também a prioridade axiológica da subjetividade sobre todas as cristalizações institucionais que ela se opunha. (ALVES, 1982: 83)

¹ Langston foi um missionário norte-americano que veio para o Brasil em 1909, foi professor de Teologia e Deão do Seminário batista do Rio de Janeiro.

Pode-se considerar a Bíblia, sobretudo, como fonte formadora da concepção protestante sobre o indivíduo, a sua leitura e as pré-concepções vieram ressaltar e enfatizar os apelos bíblicos da liberdade, da competência e da responsabilidade do indivíduo. Entre alguns textos do Antigo Testamento, que serviram de base, é em Ezequiel Cap. 18, que é afirmada, principalmente, a responsabilidade individual.

Dentro de um contexto de influência recíproca - Protestantismo e modernidade - mais uma vez, podemos evocar a filosofia e psicologia da época. A concepção de que o indivíduo é capaz por natureza, comparada a uma "folha branca" ou como "cera" a ser moldada, contribuiu para o fortalecimento de uma filosofia da educação voltada para o indivíduo e como uma "alavanca" para uma nova ênfase à educação. Esses conceitos, além de contribuírem para uma educação voltada para o indivíduo, e para uma nova metodologia de ensino, também influenciaram para uma nova visão de disciplina na educação. Segundo José do Nascimento, acreditava-se que "uma educação adequada capacitaria o indivíduo a perceber que seu interesse próprio não consiste em prejudicar a outrem e que com o tempo, apenas uma pequena repressão seria necessária" (NASCIMENTO, 1980:34).

Nesse sentido a influência de Locke foi grande. Vários de seus pressupostos têm tido ressonância, como, por exemplo, a concepção da autonomia da razão, segundo a qual, na educação, torna-se fundamental a participação ativa do educando; mesmo porque o papel do educador seja importante, a capacidade e a autonomia inata requerem uma atenção individual, pois ainda que todos nasçam iguais, são de temperamentos diferentes, o que faz com que se deva desenvolvê-los segundo o temperamento de cada um. Na educação, então, cai-se na ênfase ao indivíduo, como se existisse por si e se realizasse por si mesmo, independente dos outros.

Estes e outros foram alguns dos elementos que contribuíram na formação da visão da individualidade do Protestantismo. E, levando em consideração que a educação protestante no Brasil é oriunda da América do Norte, tudo indica que o pensamento educativo protestante no Brasil tem uma afinidade com a filosofia de educação do Liberalismo, ou seja, com uma educação liberal humanista, com

ênfase no indivíduo, na sua emancipação e libertação, com uma visão centrada na existência, na vida e na atividade.

No pensamento protestante, o individualismo é predominante. Rubem Alves chega a dizer que o

seu individualismo de tal forma dominou suas formas de pensamento que o Protestantismo não pode produzir categorias para entender os problemas de natureza estrutural. Por isso mesmo ele entende os problemas sociais como um simples agregado, como uma simples soma de problemas individuais. Daí a fórmula central de sua ética social: converter-se o indivíduo, a sociedade se transformará. (ALVES, 1982:125)

Elter Maciel afirma o mesmo, dizendo que a mudança que se busca é do indivíduo (MACIEL, 1972:144), pois o erro está no homem e não na estrutura. Na verdade, desde a Reforma, o Protestantismo tem dado a primazia ao indivíduo, tendo-o como elemento fundamental, não só da vida religiosa, mas também da vida social, econômica e política. Assim, também na educação protestante, há uma centralização no indivíduo.

Algumas considerações em torno da visão de indivíduo:

a) A individualidade

o princípio por excelência em que se aprofundam a vida e o pensamento baptista, é o princípio do individualismo. Toda a sua vida e todo o seu pensamento advêm deste princípio. (LANGSTON, 1933:19)

O individualismo não é só um princípio batista, mas do Protestantismo em geral. Há quem afirme até que a fonte do individualismo moderno remonta à Reforma, como se ela fosse a única responsável por ele. Porém, Laske, mostra que o individualismo é produto de um contexto histórico mais amplo - é fruto da doutrina liberal, das aspirações da classe em ascensão. Há uma conexão com a

Reforma, mas o individualismo não foi a parte essencial, a emancipação do indivíduo foi um produto secundário e, sobretudo, para torná-lo um melhor cristão e não para a busca de riqueza. Assim como o individualismo encontrou expressão e apoio em filósofos, em tendências hostis à idéia de autoridade religiosa e no incentivo do livre pensamento, também a Reforma oportunizou um reforço ao individualismo. Amaral diz que

Para se fazer justiça à Reforma Protestante e aos fatos da história do Protestantismo, é necessário conhecer algumas realidades. Na sua inspiração, não quis criar um individualismo que estimulasse cada homem a formar para si uma situação religiosa própria. Porém, os seus princípios podem levar a isso e levam (...). (AMARAL, 1962:101)

É importante lembrar, ainda, que Rubem Alves observa que o individualismo da Reforma é de um profundo respeito pela pessoa, porque cada pessoa manifesta Cristo (ALVES, 1982:19). Mas o fato é que havia elementos suficientes para que em meio a novas situações socioculturais o individualismo se tornasse uma das características do Protestantismo.

Dessa perspectiva individualista do homem, o valor humano é individual, o fim é o indivíduo, e ele é também a medida para o ser humano. Assim, o individualismo sustenta o primado do indivíduo sobre a ancestralidade, sobre as instituições, sobre as estruturas, sobre a religião, sobre o Estado e até sobre a sociedade. Como diz M. T. Santos: "O individualismo como concepção de vida e como filosofia social, defende o primado absoluto do indivíduo sobre a sociedade" (1966:57). A sociedade, segundo o individualismo, é como uma soma de indivíduos, e sua construção é fruto ou resultado da ação individual (SANTOS, 1966:57). Nesta perspectiva também se pode situar o Protestantismo: ele entende que a construção social é feita por meio do indivíduo, assim como as mudanças sociais também se dão pela mudança do indivíduo. É verdade que há, no meio protestante, uma grande ênfase à vida comunitária e, às vezes, ela é vivida intensamente, mas, o individual é o fundamental. Se, a visão protestante da

individualidade foi fundamental na ação missionária e até político-social, não pode ter sido diferente na sua ação educacional.

b) Liberdade

O ponto central da personalidade que é o ego, dentro de si mesmo, no íntimo, da sua alma, o homem é livre, é soberano [...] É o único lugar no universo onde o homem se encontra só [...] Nem Deus aí invade. Liberdade é o reinado do homem dentro da própria alma. É a soberania do homem dentro do centro dos centros da sua personalidade. (LANGSTON, 1933:22)

Uma das "bandeiras" do Protestantismo na fase da sua implantação aqui no Brasil, foi a liberdade. A sua concepção é, sobretudo, decorrente do individualismo, como diz Langston: "individualidade é a liberdade" (1933:21). Segundo este pensamento, a liberdade é inerente à própria construção da pessoa humana.

Se buscarmos uma visão histórica do pensamento protestante sobre a liberdade, podemos situar duas fontes principais: a Reforma e o Liberalismo. Rubem Alves diz que: "historicamente, o Protestantismo nasceu com a afirmação de que o homem em sua própria natureza, está destinado a ser livre" (1982:119). Uma das afirmações fundamentais de Lutero foi a liberdade, ele dizia que um cristão não se submete a nada, ele é senhor das coisas (ALVES, 1982:81). Ele teve como símbolo da liberdade o próprio Deus, e a liberdade tornou-se um de suas obsessões. O Liberalismo do século XIX e do início do século XX, principalmente norte-americano, trouxe uma nova investida na liberdade. Em relação a concepção à idéia de individualidade, diz John Dewey:

De qualquer modo, a essência da doutrina, como teoria, era a virtual identificação de como o próprio estado do homem como indivíduo, a extensão da liberdade existente era a medida em que a individualidade se realiza. (DEWEY, 1970:147)

Observa-se, no entanto, que essa concepção de liberdade tem seus limites. Basicamente os princípios da liberdade giram em torno

da liberdade religiosa e política, e do direito de pensar livremente. Laski mostra que a liberdade era entendida mais como um meio para a classe em ascensão, para poder desfrutar das riquezas e não tanto como um fim universal (LASKI, 1973:105). O que se pode ainda observar é que a visão de liberdade era, sobretudo, individualista e não social. Principalmente na fase do Iluminismo na Europa, verificava-se uma visão de liberdade elitista e ainda monopolista, isto é, situa-se no contexto da propriedade privada, ou seja, com interesse de garantir direito de propriedade privada, segundo as aspirações de uma classe em ascensão, enquanto a liberdade da classe pobre consistia em ser governada². Também nos Estados Unidos, a liberdade tem uma conotação econômica. John Dewey diz que: “à medida que se foram industrializando, a filosofia da liberdade individual, expressa especialmente como liberdade de contrato, forneceu a doutrina necessária para os que controlavam o sistema econômico” (1970:19).

A liberdade foi também enfocada com muita ênfase à fase da implantação do Protestantismo no Brasil. No período da sua inserção, num contexto de monopólio do campo religioso pela Igreja Católica, era de se esperar que, vindo de um contexto onde imperava o Liberalismo, o Protestantismo levantaria a “bandeira da liberdade”. Assim, pode-se perceber que a liberdade que o Protestantismo queria foi, sobretudo, a liberdade religiosa. Garcez diz: “A liberdade que se buscava era a religiosa e não tanto outras preocupações, pois queriam na semelhança dos EUA a liberdade religiosa, diante da não tolerância” (1970:40). Esta idéia é encontrada em Elter Maciel, pois, ele diz: “O alvo na batalha pela liberdade de consciência, igualdade de direitos civis ou laicidade de ensino é quase sempre a Igreja Católica e não uma procura direta de atingir os problemas sociais” (1972:30).

Contudo, mesmo que a liberdade religiosa fosse a preocupação predominante, o Protestantismo trouxe também os calores liberais, tais como liberdade de pensamento e de consciência, liberdade de

² Na Europa, principalmente na França, pensadores, como Voltaire, tinham restrições quanto à educação para os trabalhadores, devido às conseqüências de uma liberdade ampla. Vê-se então que a ênfase à liberdade era fixada segundo interesses da classe, por isso, elitista e monopolista. Harold LASKI, *O Liberalismo Europeu*, paasim

expressão e de comunicação. Assim, o Protestantismo defendia os princípios da liberdade e igualdade na crença, na raça e na política. Isso se pode perceber na sua prática educativa, em que essa defesa se manifestou, quando os primeiros alunos de alguns de seus colégios foram os não católicos, escravos ou negros e filhos dos liberais republicanos, que encontraram dificuldades nos colégios e escolas da época.

Diante da ênfase à liberdade de consciência, nos colégios protestantes não se praticou o proselitismo direto e nem se impôs a doutrina protestante; isso se procurou fazer de forma indireta. Assim, a educação protestante esteve firmada sobre a liberdade, porém, de concepção e alcance limitados, diante dos primeiros objetivos, inspiradores da ação educacional, em que a liberdade sempre foi mais um meio do que um fim, marcadamente individualista e não social.

c) Responsabilidade

É o próprio indivíduo que determina o que o mesmo deve fazer[...] o homem importam as influências externas [...] o homem é não somente responsável pelo que se passa na sua personalidade, como também o é por todas as conseqüências, que decorrem dos atos da sua alma. (LANGSTON, 1933:34)

Da forma que o Protestantismo afirma a liberdade a partir da sua visão do indivíduo, também afirma a responsabilidade da pessoa. Principalmente o Protestantismo pietista e puritano. Contudo, é uma questão paradoxal. Adolfo S. Vasques, diz que tanto o determinismo absoluto quanto o liberalismo absoluto excluem a responsabilidade:

O determinismo absoluto conduz inevitavelmente a esta conclusão: se o homem não é livre, não é moralmente responsável pelos seus atos. Mas o Liberalismo conduz também a uma conclusão análoga, já que as decisões e os atos dos indivíduos não estão sujeitos a necessidade e não são resultados do acaso – carece de sentido troná-los responsáveis moralmente prelos seus atos e procurar influir na sua conduta moral. (VASQUES, :102)

Assim sendo, não é possível, para que haja responsabilidade, permanecer num dos pólos extremos, mas torna-se necessário que haja providência ou determinação e também liberdade.

O Protestantismo não afirma um liberalismo sem responsabilidade, sua visão de liberdade não é estabelecida sem a consideração de um dever moral. É bem verdade que as duas tendências teológicas (a calvinista – determinista, e a armeniana – livre-arbítrio)³, têm coexistido no meio protestante. Entretanto, o Protestantismo das missões deu maior ênfase a liberdade e responsabilidade pessoal, como um fruto da influência pietista, principalmente pela Igreja Metodista na América do Norte. Assim, a responsabilidade foi enfatizada, só que no sentido individualista e mais no âmbito da moral e religiosidade, fundamentando-se na competência da pessoa – na compreensão de que o homem é moralmente competente por natureza. Diz Langston sobre a competência, que ela “é a capacidade do homem para agir [...] é a capacidade dada por Deus ao homem, para agir por si mesmo e consigo mesmo em todas as relações da vida” (1933:23). Não há ênfase numa responsabilidade coletiva ou social, o pecado sempre é individual e não social.

Na prática educativa, o Protestantismo procurou desenvolver a responsabilidade individual, fazer com que cada aluno cumprisse com seus deveres, principalmente deveres morais e religiosos, não por uma imposição, mas a partir de uma autodeterminação. Jether P. Ramalho diz que:

Baseados numa moral cristã, que se fundamenta na responsabilidade pessoal, alicerçada nos princípios da liberdade que desenvolvem integralmente o indivíduo, a educação, sendo eficaz, dirigida para a vida, proporciona êxito e sucesso para os seus alunos. Dessa forma é possível construir-se uma sociedade

³ Armenianismo foi uma reação humanista ocorrida no século XVII, como busca de maior tolerância frente ao determinismo calvinista. O termo armenianismo passou a ser enfatizado porque o movimento encontrou expressão em J. Arménius, o qual atribuiu ao homem maior liberdade e responsabilidade (W. WALKER, s/d:134).

onde o autoritarismo, a ignorância e a ineficiência de vem ser substituídos pela democracia, pela instrução popular e pela eficiência. (1976:149)

d) Conflitos de princípios

Até aqui, foi tentado apontar aspectos da visão protestante sobre a pessoa, sua individualidade, sua liberdade e sua responsabilidade. No entanto, convém lembrar que se estabeleceram conflitos entre o dogmatismo e o liberalismo, principalmente no que diz respeito à liberdade de consciência. De um lado, verifica-se no Protestantismo a ênfase ao livre pensamento, mas do outro lado, afirma pressupostos éticos-teológicos, como certezas. Com base em três autores que trabalharam o pensamento protestante será apontado como esse conflito se deu na prática. Elter Maciel diz:

O pietismo não pode ser incluído entre os grupos protestantes que permitiram maior liberdade individual a seus adeptos, influenciando assim a sociedade em geral. Aparentemente eram mais livres em seus educandários, pois introduziram a educação mista, esportes e outras atividades não encontradas nos católicos, mas novamente aqui, cobraram o preço da fiscalização insuportável característica do pietismo. (1972:162)

Por sua vez, Rubem Alves, nos seus dois textos: *Dogmatismo e Tolerância* e *Protestantismo e Repressão*, mostra os limites da liberdade protestante. Ele defende uma idéia contrária a que normalmente se ouve – que o grande número das denominações protestantes e sisões, são frutos da liberdade de consciência. Segundo ele, os conflitos internos e sisões acontecem em razão da falta de liberdade, e não por causa da liberdade. Mostra também que existe um controle no meio protestante, na vida da comunidade, e esta se dá em dois níveis: um controle ao nível “moral” – sobre aquilo que os membros fazem e um outro, que pode ser detectado, ao nível “intelectual”, da doutrina, é mais perigoso para o Protestantismo, do que o “desvio moral” (ALVES, 1982:107/109).

Jether P. Ramalho diz que:

Todo o esforço dos colégios é dirigido para resolver a questão proposta pela tensão entre: não fazer proselitismo religioso (ponto básico do Liberalismo), versus não deixar de tomar a religião como base de todas as práticas, inclusive educativa (ponto básico do Protestantismo). (1976:157)

Como se vê, o conflito entre o liberalismo e o dogmatismo tem se manifestado principalmente aqui no Brasil, onde o Protestantismo é mais de caráter pietista. Na prática educativa surgiu o problema: como relacionar a educação (liberal) e a religião? Isso porque, ao mesmo tempo em que afirmava a liberdade de consciência, o objetivo primordial do Protestantismo, era a evangelização indireta e a formação moral cristã. Como justificar o ensino religioso obrigatório nos colégios protestantes? A não violação da liberdade era justificada nos seguintes pressupostos: em primeiro lugar, a assistência não é obrigatória aos colégios protestantes onde a inscrição é livre; assim esse ato já é uma opção, sabendo-se antecipadamente, que há ensino religioso nos colégios protestantes. Em segundo lugar, ao se inscrever alguém no colégio, espera-se que não seja maduro, completo, para ocupar um lugar na sociedade. Por isso também os valores espirituais não deveriam ser negligenciados. Em terceiro lugar, se outras matérias ou disciplinas não são opcionais, mas obrigatórias, a religião como matéria ou disciplina, não precisa de um tratamento diferente, pois ela não é menos em comparação as outras, ela é a relação homem-Deus e a moral – a relação do homem com a sociedade.

A solução na vida da comunidade protestante é efetivada via aplicação da disciplina, às vezes bem rígida. Nos colégios os meios usados ou as técnicas que se procurou aplicar nesse sentido, foram bem mais sutis e bem menos imponentes, como, por exemplo, influenciar pelo bom exemplo. Como fundamento para a ênfase no bom exemplo, é utilizado o argumento de que os meninos, na idade escolar, adolescente, são mais sujeitos a serem influenciados pelo exemplo, têm uma tendência à imitação, procuram identificar-se com personalidades pelas quais são atraídas; em razão disto, os mestres devem ter boa formação, bons ideais e boa personalidade.

Percebe-se que para o Protestantismo há maior liberdade de pensamento no que diz respeito ao social, isto é, no que diz respeito a vida secular, do cotidiano, mas não existe muito espaço para o campo religioso. Mais uma vez nota-se um dualismo, entre social e religioso. Contudo, tudo indica que na filosofia da educação do Protestantismo brasileiro, a concepção da pessoa é fundamental, por isso também centrada no indivíduo.

3. Confiança numa pedagogia – metodologia

Uma das contribuições do Protestantismo à educação brasileira foi no campo da pedagogia, sobretudo para uma metodologia nova, na qual depositou confiança como meio para alcançar sucesso educacional. Sua metodologia educacional moderna lhe deu espaço e penetração na sociedade brasileira de então, que convivia com uma educação precária, conservadora, no que dizia respeito principalmente à metodologia. Procurar-se-á, então, levantar alguns aspectos em torno da metodologia educacional protestante.

Julga-se importante levantar algumas implicações em torno de certos termos, como: educação, pedagogia, método e metodologia. A palavra educação, que vem do latim com a idéia de “ato de criar”, na sua concepção, sofre a influência das suas condições socioculturais e de pontos de vistas filosóficos. A educação se dá num “tipos”, isto é, num lugar onde se formam os sentidos, ou seja, onde as coisas adquirem significado, assim a cultura pode ser entendida como a forma concreta da existência social, ou seja, o sentido articulado tal como é vivido por um grupo social. Portanto, a educação não se dá apenas na relação professor-aluno, numa relação psicológica, mas também numa relação sociológica, econômica e política, que se situam como interlocutores. Nesse ato tão complexo – educar, o pensamento filosófico de modo todo especial exerce uma influência. Para exemplificar: do ponto de vista de uma filosofia naturalista, o fundamento para a educação é a própria natureza, ela é o paradigma. Já do ponto de vista de uma filosofia idealista, para qual a base e supremacia da vida é o espírito ou a razão, a educação passa a ser

concebida a partir da razão. Ou, ainda do ponto de vista de uma filosofia pragmatista, cujo fundamento é a ação e seu resultado, terá isso por base na sua concepção de educação; já para uma filosofia socialista, que considera fundamental a sociedade, a educação terá por base esse referencial.

Diante da complexidade do ato de educar, é difícil uma conceituação; entende-se até que isso poderia contribuir para limitar sua compreensão. A educação exige uma abordagem interdisciplinar. Porém, em meio a uma variedade de concepções filosóficas sobre a educação através da história, parece ser possível ver um ponto mais comum, segundo a classificação de Saviani: a humanista essencialista, humanista moderna; é que todas colocam a perfeição do homem como o objeto essencial da educação. O homem ao nascer não nasce pronto, formado, mas ele carece de amparo, orientação, isto é, de ser completado. Mesmo que isto se dê, em parte, como um processo espontâneo - natural, são muitos os fatores que atuam sobre o seu desenvolvimento, e então a educação pode ser e é, um fator fundamental.

Assim como a compreensão da educação está relacionada às concepções filosóficas e ao contexto sociocultural, o mesmo ocorre também com a noção de pedagogia. Ela não é uma atividade neutra e exclusivamente técnica, mas se fundamenta numa concepção de homem, de vida e de universo. Não se pode imaginar neutralidade pedagógica, como se fosse uma arte de ensinar sem qualquer comprometimento filosófico e ideológico, pois ela colhe e busca, na filosofia, elementos para uma teoria pedagógica. Por isso, pode-se dizer que há uma conotação teórica. Para exemplificar, segundo o rogerianismo, a pedagogia é como a facilitadora da aprendizagem; já para o behaviorismo, a pedagogia é o fator de aprendizagem. A postura filosófica contribui para o condicionamento da concepção de pedagogia e seu lugar nas ciências; por exemplo, para os naturalistas ela é como a arte que formula normas de ação para os fatos educacionais e como ciência natural. Já para os pragmatistas, a pedagogia não tem autonomia, mas está subordinada à ação. E, para os sociologistas, como são chamados por T. Miranda Santos, a pedagogia é identificada como sendo a sociologia educacional

(1966:74). O significado de pedagógico pode ser abarcar tudo aquilo que ajuda a aprender, desenvolver e facilitar a aprendizagem. No entanto, seus objetos não são os animais que se amestra, mas são pessoas humanas, que são mais complexas que a noção ou idéia de estímulo - resposta. Por isso não é suficiente ter como paradigma o animal para a educação ou pedagogia.

Em torno dos termos método e metodologia, também se levantam algumas implicações. O sentido etimológico é " caminho para se chegar a um fim". Mas, esse caminho para se chegar a um fim envolve aspectos teóricos também, pressupostos filosóficos. Conseqüentemente, existem métodos e métodos, a título de exemplo: o método positivista, o método dialético entre outros. É possível fazer uma diferença entre método e metodologia. Nesse caso, método teria a ver com interpretação e descrição, principalmente no campo da filosofia. Nesse caso, duas coisas são importantes quando se pensa em método: o objeto que será alvo da aplicação do método e o fim que se espera alcançar. Como o objeto é múltiplo, variando entre o concreto e o ideal, e a própria ciência é dividida entre ciências que lidam mais com o concreto, como, por exemplo, as ciências chamadas empírico-formais e as que lidam mais com o fenômeno social, como as chamadas ciências humanas ou sociais. Assim, não é possível, ou ao menos é questionável, a aplicação de um mesmo método para qualquer objeto. É básico que se observe a natureza do objeto e não se tenha o mesmo tratamento entre os fenômenos da natureza e os fenômenos sociais, conforme pretende o positivismo. É importante lembrar que todo método fundamentado sobre uma concepção de vida, de homem e de mundo, assim, também não é neutro. Do método para metodologia há então uma diferença. As várias metodologias são as formas criadas e as técnicas de uma determinada ação.

É bem verdade que, na linguagem pedagógica, encontramos, com freqüência, o uso do termo método pedagógico, no sentido bem abrangente, envolvendo todo o processo educativo, mas também no seu significado mais restrito, especial, como métodos didáticos, que se referem ao ensino, às relações entre o aprender e o ensinar. Estes normalmente são classificados em três grupos, tal como faz Lucia R. R. Vilarinho, no seu livro *Didática: método de ensino individualizado*.

Método de ensino socializado e método de ensino sócio-individualizado. Ainda se fala em método dedutivo e método indutivo, ou ainda, em métodos pedagógicos tradicionais e métodos pedagógicos novos. Essa linguagem, e essa ênfase pedagógica nasceu em consequência de novas concepções filosóficas sobre o educando e pelo surgimento da psicologia como ciência. Provoca, então mudanças nas atitudes para com as crianças ou educandos. Por exemplo, a partir da contribuição da psicologia do desenvolvimento e psicologia da aprendizagem, identificam-se características emocionais, mentais e físicas, que devem ser levadas em consideração no processo educacional, com também interesses, necessidades e aptidões. Tudo isso, ao se valer de métodos adequados terá melhores resultados e, como consequência, temos então a chamada inovação pedagógica. O termo inovação é usado no sentido de filosofia educacional humanista moderna, conforme a classificação de Dermeval Saviani (1983), segundo a qual inovador é aquilo que "se opõe ao tradicional", significa dizer que ao invés de se centrar no educador, no intelecto, no conhecimento, centra-se no educando, na vida, na atividade (ação). Ao invés de seguir uma ordem lógica, segue-se uma ordem predominantemente psicológica. Ao invés de subordinar aos meios (métodos) aos fins, (Objetivos), subordinam-se os fins aos meios, conforme Dewey apud Garcia: "Educação é vida, vida é desenvolvimento, e a finalidade do desenvolvimento é mais desenvolvimento" (1980:19).

Usa-se o termo nesse sentido porque, entende-se que a educação protestante da época em questão, precedeu a metodologia da "escola nova", a educação liberal.

A razão de ter dado essa ênfase aos aspectos pedagógicos e metodológicos, é em razão de que o Protestantismo, na fase em consideração, considerou sua proposta inovadora e como alternativa, cuja novidade era mais uma questão técnica.

O Protestantismo tem contribuído bastante para as inovações pedagógicas. Desde a Reforma, já como Lutero e Calvino, houve uma "modernização", quando o sexo feminino foi alvo da educação e surgiram as escolas mistas, também os protestantes foram os primeiros a se preocupar com uma educação para todos, e não só para a nobreza. Talvez uma das figuras mais importantes do século XVI, que

apresentou uma educação revolucionária para a época, foi João Amós Comênios (1627), um protestante pietista, dos irmãos morávios⁴. Entre seus escritos, pode ser citada a conhecida "Didática Magna"⁵. Nesse trabalho já se encontram os germes da educação moderna, posteriormente desenvolvidos pela linha pedagógica de Froebel e de Horwerd, como, por exemplo, a "Escola Maternal" e educação com recursos do audiovisual (COMÊNIO, 1985:29-32). Sabe-se também que foram as escolas privadas e confessionais que mais inovaram no campo pedagógico nos EUA.

O Protestantismo, na sua fase de inserção no Brasil, levantou a "bandeira" de uma educação moderna e progressista. Ele pretendia alcançar espaços, entre outras estratégias, pela educação. De certa forma era necessário apresentar "algo novo", uma educação que superasse a existente para marcar presença, como também mostrar a "superioridade cultural". Assim, o Protestantismo apresentou uma educação moderna e progressista para a época, ao lado de uma educação tradicional e conservadora. As inovações não foram geradas aqui no Brasil, mas os missionários vindos de sua terra natal, EUA, onde a educação já havia alcançado mudanças por intermédio das novas metodologias pedagógicas, procuravam então apenas implantar modelos de educação de sua terra de origem. Como a educação aqui era precária e extremamente atrasada e conservadora, não foi tão difícil levantar a "bandeira" de uma educação moderna e ao mesmo tempo, receber os aplausos dos brasileiros mais modernistas e liberais, que buscavam alcançar novos ideais.

É bastante comum encontrar referência à educação protestante como sendo de uma pedagogia moderna, nos escritos da época. Osvaldo Hack, diz:

Foi em grande parte através dos colégios, sob a influência direta de ministros e educadores protestantes da América do Norte,

⁴ Um grupo protestante pietista, da província da Morávia, Alemanha, vivia em comunidade e num regime socialista.; cfr W. WALKER, s/d:190.

⁵ A Didática Magna é um tratado da arte universal de ensinar tudo a todos, segundo seu autor, escrito entre os anos 1627-1657.

que se processou no Brasil a propagação das idéias pedagógicas americanas, que começaram a irradiar-se no Estado de São Paulo, com a fundação de três colégios respectivamente: Colégio Internacional, em Campinas; Escola americana, em São Paulo e o colégio Piracicabano, em Piracicaba. (HACK, 1985:67)

De certa forma, é pacífica a idéia de que o Protestantismo procurou desenvolver uma pedagogia nova. Todos os que estudam ou estudaram a educação protestante desse período, no final do século XIX e início do século XX, afirmam isso: Osvaldo H. Hack, Maria Lúcia S.H. Barbanti, Jether P. Ramalho e outros. Jether P. Ramalho, por exemplo, diz que, uma das contribuições à sociedade brasileira foi a “divulgação de uma pedagogia mais moderna, nas escolas, mais consentânea com os outros modernizadores da sociedade” (RAMALHO, 1976:67).

Não era apenas o Protestantismo que via sua prática educativa como moderna e avançada. Mas encontramos esse reconhecimento de uma superioridade pedagógica da educação protestante, comparativamente à educação existente, entre vários setores; como por exemplo, por parte de alguns republicanos da época. Segundo uma notícia do “Correio Paulistano” de 10 de agosto de 1872, o autor da notícia elogia a educação protestante, fazendo um paralelo com a existente. Nessa notícia destaca ainda que, na educação protestante existe um ideal norte-americano. Fernando Azevedo diz que:

Fundados sobretudo pelas Igrejas Metodistas e Presbiterianas, essas e muitas outras escolas filiadas à diversas correntes protestantes, trouxeram uma contribuição ponderável à educação feminina, introduziram a educação dos sexos estabelecendo classes mistas desde 1871, em todos os cursos do Mackenzie e em outras instituições, concorreram para renovar os processos didáticos, ao grupo das idéias, então importadas, da técnica pedagógica norte-americana e por muito tempo, se tornaram uma das poucas forças renovadoras do ensino, essas forças vivazes que entretêm contra o resfriamento moral pela uniformidade e pela rotina, a temperatura das instituições espirituais. (1963:607/608)

Os aspectos inovadoras da educação protestante estão sobretudo no âmbito da pedagogia, e mais especificamente, na metodologia. Parece que, o fundamento da pedagogia protestante é empírico, cujo paradigma é a natureza. Com frequência se percebe uma relação entre a natureza, suas leis e harmonia, com o funcionamento da sociedade e do processo educacional. Compara-se a harmonia da natureza, como se processa o desenvolvimento das plantas e animais, na expectativa de aprender dela métodos corretos, para o sucesso educacional. Por exemplo, Comênio diz que os fundamentos da arte devem ser procurados ou buscados na natureza, ela nos fornece modelos do que se deve fazer (COMÊNIO, 1985:29/31).

Sem se deter nas inovações pedagógicas, apenas será feita uma relação como amostra de algumas, que também se encontram nos textos de Jether P. Ramalho, Osvaldo Hack e outros, como inovações e contribuições:

- Os primeiros a usar o método audiovisual;
- Os primeiros a usar a educação de ambos os sexos, ou classes mistas;
- Criação do Jardim de Infância, os "Kindergarten";
- Uso do chamado método indutivo, o estudo em silêncio;
- Experiências em laboratórios;
- Nova forma de disciplina;
- A escola como ambiente alegre e cooperativo;
- A prática organizada do esporte;
- Preocupação da preparação para a vida, para isso, cursos profissionalizantes;
- Atividades extraclasse;
- Preocupação de aplicação imediata do ensino ou conhecimento;
- Nova forma de avaliação, e outros.

O Protestantismo colocou sempre uma grande confiança na educação, conforme já abordado. Vê-se também que, particularmente, confiou numa metodologia. De certa forma, parece que houve até um privilégio concedido às técnicas ou às metodologias, em relação ao

conteúdo. As inovações foram introduzidas, sobretudo, nos meios e não no conteúdo. Como já dito, há certa aproximação com a ênfase da escola nova, em que parece que o pedagógico é privilegiado, por exemplo, em relação a educação tradicional e Escola Nova, segundo Saviani se dá o seguinte: *"do intelecto para o sentimento, do lógico para o psicológico, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, da quantidade para a qualidade"* (SAVIANI, 1983:13).

Tal comportamento é antevisto nos educadores protestantes, quando iniciam sua prática educativa aqui no Brasil. Tudo indica que, segundo a visão protestante, a eficiência da educação, em grande parte dependia de uma metodologia adequada. Diz Comênios aos pais: *"conduzido, porém o método didático a uma certeza infalível, será impossível, com a ajuda de Deus, não obter sempre o efeito esperado"* (1985:74); *diz às escolas: "corrigido o método, poderão, não só conservar-se sempre prósperas, mas ser aumentadas até o infinito"* (1985:74). Acertado o método, e este sendo apreendido da natureza, o resultado será certo.

Essa nova metodologia, trazida pelo Protestantismo, não se desenvolveu apenas nos seus colégios, mas também foi aplicada nas escolas dominicais, que por sua vez contribuíram, de forma indireta, para uma pedagogia, ou modelo metodológico.

4. Confiança numa educação para o progresso

A abordagem aqui não será efetuada em torno de uma teoria econômica, nem tampouco sobre as possíveis visões de progresso, e as suas diferentes implicações. O que se pretende é fazer uma abordagem da visão protestante de progresso e sua relação com a educação. Como é de conhecimento, a visão protestante de progresso está intimamente relacionada à sua cultura e à ideologia liberal de então. Assim, como a ideologia liberal, também o Protestantismo vêem a educação como um meio, como uma *"alavanca"* para se alcançar o progresso. Além disso, para se alcançar o progresso, segundo o Protestantismo, torna-se necessária a democracia. E, para se chegar a democracia, a educação

é o meio, é necessário superar o analfabetismo. É verdade também que, segundo o Protestantismo, o trabalho é fundamental para se alcançar o progresso, por isso, a sua ênfase à profissionalização do trabalho.

Sabe-se que os missionários protestantes não queriam apenas levar o Brasil ao Protestantismo, mas também ao progresso. Logo cedo, o missionário Fletcher⁶, procurou incentivar as autoridades brasileiras para que procurassem alcançar as condições tecnológicas e científicas, na semelhança do que estava ocorrendo em sua terra natal, colocando como modelo os EUA. Segundo Fletcher, para que fosse possível alcançar o progresso, seria necessário que o Brasil abrisse as portas aos países protestantes, e principalmente aos norte-americanos. Nos Estados Unidos, ele publicou uma obra sobre a relação Brasil e EUA e se empenhou em estimular as emigrações para o Brasil.

Para o Protestantismo, o progresso está intimamente relacionado com a cultura cristã protestante. Na sua visão, o desenvolvimento e o progresso dos países se deve à presença protestante, por exemplo, os países que tiveram a influência protestante são mais ricos, enquanto os países de influência católica são mais pobres. Na sua concepção, o progresso implica num aspecto teológico - é uma bênção de Deus, enquanto o atraso é uma maldição (ALVES, 1979:230). Assim, o progresso é conseqüência da conquista de verdades teológicas, ou seja, é a volta às verdades espirituais, como observa Mendonça: "O progresso das nações cristãs se explica pela sua descoberta da verdade, dos eternos princípios com que Deus criou o mundo" (MENDONÇA, 1984:59). Nessa doutrina teológica, ou verdades espirituais, encontram-se os princípios que norteiam o comportamento ético do Protestantismo, tais como: a indolência é pecaminosa, conseqüentemente, a pobreza não é meritória, como era a concepção medieval; antes é dever que todo cristão sempre busque

⁶ James Cooley Fletcher, foi o primeiro missionário presbiteriano. Aqui atuou como capelão junto à 1ª Sociedade voltada para os marinheiros. Foi também colportor de Bíblias. Foi amigo de vários senadores, conselheiro de políticos. Foi promotor de uma exposição industrial, da abertura da linha de navegação internacional. cfr VIEIRA, D. G. s/d.:61-112.

e escolha uma ocupação mais lucrativa. A conversão é intelectual, mas também moral-comportamental. Assim, muitas vezes a pobreza é conseqüência do pecado, dos vícios e da ignorância. Uma idéia muito forte do Protestantismo é que a transformação pessoal, a conversão, há de levar ao progresso, pela vida disciplinada, pelo elevado caráter e elevada moral. Além disso, o progresso se alcança pelo seno de responsabilidade individual e pela mordomia cristã⁷. Vê-se que, na concepção protestante de progresso, o esforço individual e a benção de Deus são fundamentais.

A visão protestante da realidade social é psicológica e não sociológica. Rubem Alves afirma que o Protestantismo vê a sociedade como uma soma de indivíduos e que a sua qualidade é o resultado da “interação das personalidades que a compõem” (1979:228). Assim como uma terapêutica que se propõe dedicar ao trabalho com os indivíduos, o Protestantismo espera mudar a sociedade a partir do individual. Não tem a visão da estrutura social.

A análise protestante da realidade social, parte do pressuposto de que o progresso se alcança pela superação do tradicional pelo moderno, isto é, os obstáculos antiquados precisam ser removidos. Dentro desta perspectiva, é possível o progresso seguindo uma sociedade modelo, no caso, norte-americana. Assim, o Brasil poderia alcançar o progresso e chegar ao mesmo nível, desde que repetisse a experiência histórica dos EUA. Então, o Brasil deveria ter por parâmetro, principalmente dos EUA. Diz Barbatani: “os americanos seriam o sangue novo de que carecia o Brasil” (1977:95).

Há uma relação com a visão do Liberalismo e Protestantismo sobre o progresso. Para o Protestantismo, assim como para o Liberalismo, o bem-estar social é resultado da multiplicidade de esforços individuais, convergentes para o aumento dos bens e serviços postos à disposição dos homens coletivamente. Assim também as desigualdades sociais — fortuna, “status” — são decorrentes das estruturas morais e psicológicas. O Protestantismo incorporou a idéia

⁷ Por mordomia entende a responsabilidade que o cristão tem perante Deus, porquanto, nessa concepção o senhor de tudo entregou a administração do mundo ao homem, abrangendo o trabalho, os bens, o dinheiro e outros.

de regulamentação da vida individual e de um aperfeiçoamento moral. Como já dito, o elemento sociológico da estrutura social está ausente. O Protestantismo não vê a configuração estrutural existente que impede um progresso via o individual.

Para o Protestantismo estava claro que a ignorância e o analfabetismo dificultavam o progresso. Era preciso educar, treinar e preparar o cidadão para a sociedade. Isso implica em transmissão da cultura cristã, de todo um processo educacional, principalmente da juventude -uma educação nas ciências, na moral e na piedade. Estabelecia-se uma relação bem íntima entre educação protestante e progresso, por exemplo, o Colégio Batista de São Paulo, chamava: "Colégio Progresso Brasileiro". Sua confiança na educação era tão grande, que não via que a educação não tem autonomia e que a "alavanca" sempre depende de quem a usa, pois a educação se encontra estruturada e relacionada com todo o sistema social, e fortemente relacionada ao sistema de produção.

A democracia era vista como um caminho para se alcançar o progresso e a educação poderia levar a uma democracia. Não é necessário deter-se na perspectiva histórica do movimento democrático, pois essa análise seria muito longa, devendo partir dos ideais pelos quais o movimento se formulou. Isto seria partir desde o humanismo helênico, até chegar a teoria democrática moderna, cuja origem se deve principalmente ao movimento renascentista e cristianismo, mais especificamente ao racionalismo e segundo o Protestantismo, à reforma Protestante. Naturalmente, só vai-se concretizar dentro do contexto socioeconômico da indústria e do comércio. Porém, pretende-se mostrar alguns aspectos da relação entre o Protestantismo e da democracia, tendo a educação como o meio de alcançá-la.

Parece que, politicamente há uma relação estreita entre o Protestantismo e a democracia. De um lado, a democracia proporciona um clima ideal para o Protestantismo e é aí que ele se acha em "casa"; do outro lado, o Protestantismo tende a produzir uma cultura democrática. Há quem diga até que o Protestantismo dependia da democracia para sua subsistência. A democracia que o Protestantismo pretendia era a do estilo americano, seus ideais democráticos se

relacionavam à herança norte-americana. A democracia americana pode ser considerada como fruto de três fontes: o desenvolvimento da indústria e do comércio, que careciam de um sistema que lhe fosse favorável, a moral também pode ser vista como fonte, ou seja a sua concepção de homem. Segundo John Dewey, a tradição democrática americana é moral, isto porque está baseada na capacidade natural do homem; este autor afirma que:

é a moral, porque baseada em fé na capacidade da natureza humana de conseguir a liberdade para os indivíduos, acompanhada do respeito e consideração pelas outras pessoas, fundando e construindo a estabilidade social na coesão em vez de coação. (1970:248)

Assim, a visão de democracia está baseada numa concepção de homem, na confiança de suas potencialidades naturais. Uma terceira fonte foi a religião, democracia como um subproduto do cristianismo e sobretudo, o Protestantismo. Robinson Cavalcanti observa que:

os valores cristãos, e a rica herança política cristã são desvinculados de sua fonte: a Revelação e de sua instituição: Igreja. São a gora considerados valores culturais, patrimônio da humanidade. A ética cristã poderá acreditar, caminhar sem Cristo e sem os cristãos. A igreja é considerada apenas uma dentre as instituições, e nem das mais importantes. A fé é tida como algo privado para o íntimo e cada indivíduo, sem nada a ver com o cotidiano da vida, nunca a ser compartilhada. (1985:143)

O ideal do Protestantismo, durante a sua implantação no Brasil, foi a democracia. Segundo o Protestantismo da época, um dos empecilhos para a democracia era o analfabetismo, para se viver democraticamente era necessário alfabetizar e educar. O bem-estar de um povo se assenta na sua educação, é preciso capacitá-lo, habilitando-o para a participação nas tarefas da sociedade e do Estado.

Assim, para alcançar o ideal democrático, o instrumento eficaz era a educação, pois a democracia é o resultado de indivíduos livres, independentes, instruídos e de moral forte. Não pode existir democracia com ignorância (1976:148). J.W. Shepard, diretor do Colégio Batista do Rio, escreveu sobre a tendência democrática, dizendo:

Esta tendência está conquistando o mundo hoje. Examinando as instituições políticas e a natureza homem, o espírito científico descobriu o fato que a autocracia, o absolutismo, são incompatíveis com o direito do povo. O individualismo ensinado por Jesus, e belamente ilustrado na parábola do filho pródigo, mostrando o valor da alma humana, veio desabrochando e crescendo através dos séculos até que quebrou os laços do absolutismo na época moderna, desde a Reforma este espírito vem crescendo de forças em forças. A marcha da democracia tem sido uma marcha triunfal. Verdadeiramente estamos chegando ao tempo breve quando os princípios democráticos que professamos há de estar espalhados por toda a parte. Não temos monopólio destas grandes doutrinas, mas cremos que a nossa organização é o exemplo da democracia evangélica, a democracia que o Novo Testamento, que Jesus ensinou. (s/d)

Para reforçar a educação do ideal democrático e a educação segundo o Protestantismo, será feita mais uma citação:

O Evangelho encerra os princípios de democracia, individualismo, igualdade de direitos, liberdade intelectual e religiosa. Com a liberdade vai necessariamente a responsabilidade. Não é por acaso que nos países onde o catolicismo predomina haja quase sempre maior porcentagem de analfabetismo. O sistema é por natureza antidemocrático. A responsabilidade pessoal, diante de Deus implica forçosamente a liberdade individual de ler e estudar a verdade revelada na palavra de Deus. [...] a democracia política não pode florescer entre um povo sem instrução (...). (CRABTREE, 1962:39/40)

Além de se atribuir à educação a tarefa de se alcançar a democracia, procurou o Protestantismo outras formas par ajudar no alcance desse ideal: criar atitudes e hábitos democráticos, por intermédio de técnicas de ensino, classes, realizações de assembléias, formação de grupos de discussão, organização de jovens, etc. sobretudo a postura de adotar uma metodologia democrática nas escolas, tornar a educação democrática, pela democratização das decisões, distribuição de responsabilidades, envolvendo os pais no próprio processo pedagógico, através da participação em reuniões de avaliação, realização de experiências democráticas nos colégios, com formação de grêmios, etc. Além disso, aceitação de alunos de qualquer tendência ideológica, política ou religiosa e mesmo étnica. Era a tentativa de uma prática democrática no contexto educacional.

Mesmo que existisse no meio protestante uma grande ênfase na democracia, havia uma certa distância entre seu ideal e o que de fato se vivenciou. Waldo César diz que havia uma distância entre a teoria democrática e a prática paternalista e autoritária dos missionários. Além disso, diz que, enquanto o Protestantismo afirmava ideais democráticos, lançou mão de técnicas de manipulação de opiniões (CÉSAR, 1968:96). Elter Maciel diz que foi muito modesto o resultado que o Protestantismo conseguiu na construção da democracia. O fato de enfatizar o modelo americano "retirou de seus adeptos a preocupação com os problemas de sua terra, de seu povo" (1972:72). Ainda mais, mesmo que o Protestantismo acredite que o precursor e defensor da democracia, "como age somente na área jurídico-política, não percebe que aperfeiçoa o sistema legal que perpetua a estratificação" (MACIEL, 1972:72).

Para se alcançar o progresso, também seria necessário uma educação voltada para a profissionalização. Já por tradição e por uma concepção especial de trabalho, o Protestantismo enaltece o trabalho. O Protestantismo, como é de conhecimento, principalmente o puritanismo, não concebe o trabalho como simplesmente uma condição antropológica, como um meio que relaciona o homem com a natureza para transformá-la, para sua subsistência. É, sobretudo, um Dom de Deus. É uma vocação. Mas, Weber diz que "as melhores oportunidades de uma educação e economia são encontradas no grupo

pietista, como por exemplo seu sentimento de obrigação e de trabalho" (1967:40). Com o trabalho se serve a Deus, com o trabalho se previne contra tentações, pois perda de tempo é pecado. De certa forma, o trabalho constitui a própria finalidade da vida. Normalmente essas idéias são reforçadas, no meio protestante, por textos bíblicos e pela doutrina da mordomia.

Cedo, na história protestante no Brasil, encontramos iniciativas de escolas profissionalizantes, das quais algumas desapareceram e outras ainda continuam existindo. Como amostra, cito algumas: Instituto Central do Povo, fundado em 1906, com o fim de ajudar os trabalhadores do cais do Rio de Janeiro, oferecendo além da alfabetização, artes culinárias, curso de economia doméstica, curso de datilografia, e outros. Foi considerada a primeira instituição social do País a manter uma clínica médica e a primeira que criou o Jardim de infância. O Instituto Granbery, fundado em 1890, onde foi criado o curso comercial em 1917, uma das mais antigas escolas do comércio do País; três cursos de nível superior: Odontologia, Farmácia e Direito, posteriormente, Pedagogia. O Instituto Rural Metodista de Porto Alegre, fundado com vistas ao preparo dos carentes em profissões e atividades rurais. O Instituto Gammon, fundado em 1869, que continha cursos técnicos em comércio, agricultura, música e outros, também considerado pioneiro na época. O Instituto Ponte Nova, fundado em 1906, na Bahia, com curso rural. O Colégio Evangélico do Alto Jequitibá, fundado em 1904, em Minas Gerais, com curso de comércio e datilografia. O Colégio Americano em Recife, fundado em 1902, com curso de comércio, escola doméstica, música e outros. O Instituto Industrial Batista do Piauí, fundado em 1916, com cursos industriais. E muitos outros surgiram, voltados para a preparação de uma mão de obra mais especializada.

Além de cursos em colégios ou escolas, voltados para o trabalho, vê-se que pelo exemplo e de maneira informal, se procurou passar uma visão de trabalho, nas casas de missionários e nos internatos, onde as atividades eram sempre desenvolvidas com boa disciplina e dedicação, mesmo no trabalho doméstico, ou outras atividades práticas.

Vê-se presente na escola – trabalho, assim como no cotidiano, a concepção pragmatista norte-americana, a qual já se fez referência. Até a prática religiosa protestante brasileira é marcada pelo pragmatismo. Emile G Leonard, ao fazer uma comparação entre o Protestantismo europeu e o brasileiro, os diferencia assim: Europa, “adorar e orar”; no Brasil, “aprender e trabalhar” (1963:241). Enfim, a educação para o Protestantismo, no período da implantação, era uma causa tão importante e necessária para seus ideais, como o era a propaganda religiosa.

Assim, o Protestantismo se movia na construção de colégios, confiante na educação, como instrumento para o progresso e democracia, tendo inclusive sua preocupação educacional centrada no educando. Confiava também em sua nova metodologia educacional, ou seja, nas novas formas de educar, entendendo que o sucesso do ato de educar se relaciona, sobretudo, com o próprio processo educativo e não abrange tanto o nível da organização social.

Bibliografia

ALVES, R. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

____. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Editora Átila, 1979.

AMARAL, E. M. do. *O Protestantismo e a Reforma*. São Paulo: Sociedade Cristianismo, 1962.

AZEVEDO, F. de. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Universidade de Brasília, 1963.

AZEVEDO, I. B. de. *A Celebração do Indivíduo – A forma liberal do protestantismo Batista no Brasil*. Rio de Janeiro: 1995 (mimeografado).

BARBANTI, M. L. S.H. *Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo*. São Paulo: USP, 1977 (mimeografado).

CAVALCANTI, R. *Cristianismo e Política*. Campinas: Nascente Editora, 1985.

CESAR, V. *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.

COMÊNIO, J. A. *Didactica Magna*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

CRABTREE, A Q. *História dos Batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

DEWEY, J. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

GARCEZ, B. N. *Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

GARCIA, W. E. *Inovação Educacional no Brasil; problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez Editora / Autores Associados, 1980.

HACK, O. H. *Protestantismo e Educação Brasileira*. São Paulo: Casa Publicadora Presbiteriana, 1985.

LEPARGNEUR, H. *Humanismo Cristão e Educação Brasileira*. In: *Reflexão*. Campinas: PUCAMP, 25:5-30, jan/abril, 1972.

LANGSTON, A B. *O Princípio do Individualismo em suas Expressões Doutrinárias ou um Exame dos Alicerces das Crenças Batistas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1933.

_____. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, s/d.

LASKI, H. J. *O Liberalismo Europeu*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.

LEONARD, É. G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1963.

MACHADO, J. N. *Ideologia da Proposta de Educação Batista à Luz da Teoria de Morin*. Piracicaba: UNIMEP, 1997 (mimeografado).

MACIEL, E. *O Pietismo no Brasil*. Goiânia: 1972 (mimeografado).

MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir; a Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. Ideologia e Missão Religiosa. In: *Simpósio*. São Paulo: ASTE, 19, julho de 1979. p. 143-158.

NASCIMENTO, J. do. *O Sistema Pedagógico Confessional Metodista*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1980 (mimeografado).

NOVAES NETO, A. F. de. *As Crises de um Ideal: os primórdios dos Institutos Granbery*. Piracicaba: UNIMEP, 1997.

RAMANLHO, J. P. *Prática Educativa e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

RIBEIRO, B. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo: Casa Publicadora Presbiteriana, 1981.

SANTOS: T. M. *Noções de Filosofia da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

SHEPARD, J. W. Entrevista para *O Jornal Batista*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, s/d.

SHROEDER, E. O. *Análise da Proposta Educacional das Escolas Metodistas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1982 (mimeografado).

VASQUES, A. S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

VIEIRA, D. G. *Protestantismo, Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*.
?, s/d.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. ?, s/d.

WEBER, Max. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo:
Livraria Pioneira, 1967.